

**“EU ENTRO PELA PERNA DIREITA”:  
ESPAÇO, REPRESENTAÇÃO E IDENTIDADE DO SERINGUEIRO NO ACRE**

MARCHESE, Daniela. “Eu entro pela perna direita”: espaço, representação e identidade do seringueiro no Acre  
Trad. Elenckey B. Pimentel. Rio Branco, AC: EDUFAC, 2005.

Leodir Francisco Ribeiro

*Mestre em Educação pela Uniso, Doutorando em Educação Ambiental,  
membro do Grupo de Estudos Perspectivas Ecologistas em Educação da  
Uniso, Prof. da Faculdade de Educação Física de Sorocaba - FEFISO  
E-mail: leodiribeiro@hotmail.com*

**E**ste livro é uma obra de inquietações, no seu puro sentido etimológico, excitação, perturbação. Excitação que o leitor sente ao ir conhecendo o espaço, a linguagem, a cultura de um povo dentre os vários povos que dão vida à diversidade brasileira. Perturbação que espero que todos e todas ao lerem este livro sintam ao conhecer um pouco mais da história do Brasil, que não aprendi na História do Brasil.

A inquietação que começa pelo título “eu entro pela perna direita”, expressão usada pelos seringueiros para exprimir o próprio modo, original, de utilizar o espaço produtivo, a direita, representando o “bem”, herança católico europeia da distinção entre o bem e o mal, nos dá a afinidade ao relacionarmos com nosso espaço mais próximo e ao mesmo tempo desconhecido, o nosso corpo, revelando a percepção espacial dos seringueiros e dando sentido ao que estamos lendo e vivenciando, aumentando a excitação por conhecer essa região do norte do Brasil.

Como afirma a autora, para os seringueiros “[...] as partes do corpo se transformam em pontos cardeais e, a partir de tais estruturas, se determinam também os percursos, as direções daquele espaço” (p. 61). Assim o corpo “empresta parte de sua anatomia ao espaço”, e os seringueiros, na falta de pontos de referência “objetivos” e intersubjetivos, se assume parâmetro subjetivo, mas igual para todos e adaptável ao território: “o corpo, símbolo material de orientação e de comunicação social subjetiva” (p. 62).

Ao se referir a uma parte do corpo como representação de sua presença e ação no espaço, além de nos identificar com o livro mostra, a importância dada a lugares essenciais para a sobrevivência dos seringueiros, o rio e a estrada, “lugares de importância vital e também afetiva” (p. 61).

A ilustração de Hélio Melo (ex-seringueiro) da obra de David Villanova, na capa, também nos remete a uma busca da compreensão da representação ali exposta: uma árvore com seu corpo, braços, seio, boca, manga, espigão, estradas...

Compartilhamos inquietações com a autora, italiana, que logo no início da obra, mostra sua desorientação espacial, “devido às mudanças de residência” e principalmente pela sua chegada à Amazônia brasileira. Acostumada a se orientar pelos pontos cardeais norte, sul, leste e oeste, coloca-se no lugar dos muitos trabalhadores que migraram do Nordeste do Brasil para a região amazônica e igualmente se vê excitada pela experiência:

“Sentir-se desorientada e não compreender o significado/a correspondência de termos que definem as partes daquele espaço, revelando a existência de uma estruturação invisí-

vel aos olhos de um estranho, é uma experiência nem sempre agradável, mas certamente estimulante” (p. 19).

Não viajou em gaiolas, não fugiu da grande seca de 1877, tampouco era um “soldado da borracha, nordestinos que escolhiam trabalhar nos seringais em vez de ir para a guerra” (p. 23), mas teve igualmente que enfrentar a dura vida dos seringueiros para colher em suas conversas do cotidiano, nas entrevistas e depoimentos, elementos que lhe fornecessem subsídios para identificar o espaço, a representação e a identidade do seringueiro no Acre.

O livro, fruto de sua pesquisa de tese pela Universidade de Estudos de Siena, Itália, é dividido em seis capítulos, no qual a autora coleta informações sobre o “espaço” que ela encontra, seja na história oficial do Estado do Acre e dos seringueiros, ou no cotidiano das pessoas que vivem na floresta e da floresta, através de depoimentos e da linguagem de seus interlocutores e de situações do dia a dia. Cada capítulo é composto de uma introdução ao tema tratado, uma parte técnica na qual se apresentam os dados colhidos “seguindo uma lógica teórica” e algumas reflexões em que procura elaborar conclusões com relação ao argumento.

Para se chegar à busca e compreensão da “identidade do seringueiro do Acre”, sexto e último capítulo, a autora revela os contextos históricos nacionais e internacionais que deram origem ao Estado do Acre e aos seringueiros, que incentivaram ou desestimularam a produção da borracha, como a descoberta da sua vulcanização, a invenção do pneu, a Segunda Guerra Mundial, a disputa de terras com a Bolívia, o golpe militar de 64, a criação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do Acre, do Conselho Nacional dos Seringueiros, a Declaração dos Povos da Floresta e claro a morte de Chico Mendes.

Aliás, a pesquisa é realizada no Seringal Cachoeira, local onde viveu e lutou Chico Mendes, sendo um dos seus interlocutores o primo dele, Sebastião Mendes.

Embrenha-se de corpo e espírito no corpo da floresta, identificando figuras, sistemas, representações, símbolos e mitos que fazem do seringueiro um ser da floresta, que respeita a Mãe (que dá o leite, seiva da vida para o povo), o Pai que protege, (regula sua utilização), ao mesmo tempo em que desafia confiante em suas habilidades, seus corpos, sua cultura e acima de tudo confiante em seu povo que com um simples som pode ajudar a quem está pedindo socorro.

Ao pesquisar a linguagem, as modalidades de orientação, a representação gráfica, os elementos mitológicos a autora se envolve tanto que começa a usar, dar preferência a termos dos seringueiros, em seu texto, como “arreada”: “[...] é um tipo de consciência da existência de todos os pontos de vista possíveis e reais na colocação do corpo no espaço” (p. 74) compreendendo de maneira unitária o espaço vivido e o espaço percebido.

Espaço que ainda hoje identifica o seringueiro. Seringueiro que para minha compreensão deixou de ser mais uma simples classe de trabalhadores e sim a identidade de um povo, de filhos adotivos da floresta que, “se por via paterna herdou a cultura cabocla, fruto da mestiçagem índio-português, mas também emprenhada de “nordestinidade”[...] por via materna herdou, além da nova profissão, muitos irmãos, nutridos pelo leite da mesma mãe” (p. 128). Mãe floresta que criou através da crença européia, da sabedoria indígena e da coragem brasileira, nomes, figuras, utensílios, sistemas e modos de vida característicos de um povo que pela afirmação de sua identidade, inseparável de seu espaço, a possibilidade de projetar o próprio futuro.

Identidade reforçada pelos ideais de Paulo Freire presente nos textos das escolas dos seringueiros, elaborados por professores seringueiros, conforme relata a autora. Futuro, ideal defendido por Chico Mendes, e que hoje deixa de ser o futuro do povo da Amazônia, do Brasil e se mostra como o futuro da humanidade, a preservação da Amazônia.

As inquietações são muitas, o tempo é curto, o espaço me parece infinito por essa escrita, embora meu corpo delimite, mas que esta obra provoque nos (as) leitores (as) as mesmas inquietações que fizeram a autora desorientar-se e este leitor refletir sobre as identidades do povo brasileiro, ou a identidade dos povos brasileiros.